

Velhice e juventude no espaço da diáspora da Itália contemporânea

Profa. Dra. Ana Maria Chiarini¹ (UFMG)

Resumo:

Este trabalho parte da hipótese de que o espaço da diáspora, no caso da Itália contemporânea, além de ser atravessado pelos eixos de diferenciação do gênero, da etnia e da cultura, é particularmente marcado pelo eixo de diferenciação geracional, isto é, pelo embate entre a Vecchia Italia e a juventude dos estrangeiros. Lançando mão de duas narrativas que exploram a nação italiana como cenário de encontros/confrontos transculturais, La terra è di tutti (1996), de Ferdinando Camon, e I fannulloni (1990), de Marco Lodoli, pretendo analisar a desestabilização identitária experimentada pelo “nativo”, que se revela frágil e envelhecido, sob a teia de idéias racialistas ou da atração do exótico, diante da presença vigorosa do diaspórico, cheio de projetos de nova vida. Se o exílio já foi estudado como ato corporal, como experiência vivida com o corpo e nele inscrita, aqui me proponho a refletir sobre as consequências do trânsito não para quem migra, mas para o corpo do sujeito imóvel, através de inscrições poderosas, das quais Lodoli e Camon oferecem várias pistas em suas narrativas.

Palavras-chave: migrações, velhice, Itália contemporânea.

O foco desta comunicação se concentra na Itália enquanto espaço da diáspora, através de duas narrativas – *La Terra è di tutti* (1996), de Ferdinando Camon, e *I fannulloni* (1990), de Marco Lodoli – produzidas nos anos 90, momento em que a península já havia sido eleita o destino de muitos imigrantes. A especificidade de meu trabalho reside no olhar sobre o deslocamento identitário do “nativo” italiano, que se dá simultaneamente ao deslocamento espacial e identitário do estrangeiro na Itália hoje. Pelo que sugerem os textos de Lodoli e Camon, tais deslocamentos manifestam-se sob o peso de uma forte marca geracional, sendo permeados pelo confronto entre velhice e juventude, duas instâncias que considero centrais nesse encontro/confronto transcultural das últimas décadas.

Aqui compartilho a perspectiva de que as migrações transnacionais de massa e os novos mapeamentos identitários delas originados exercem um papel decisivo no abalo e desarranjo do discurso nacional, ao imprimir uma marca profunda sobre as subjetividades, revelando-se uma verdadeira questão epistemológica ou “uma chave conceitual importante para a compreensão de nosso mundo”, segundo as palavras de Cury (2002, p.7).

Utilizo a noção de **espaço da diáspora**, definido por Avtar Brah como um ponto de intersecção – para o qual confluem processos econômicos, políticos, culturais e psíquicos –, habitado por “nativos”, migrantes e por seus descendentes, num “emaranhado de genealogias da dispersão e da imobilidade” (BRAH, 1996. p.181). A meu ver, essa noção permite explicitar a multiplicidade de narrativas envolvidas, evidenciando os eixos de diferenciação – de classe, gênero, sexualidade, geração e etnia –, referentes a modalidades específicas de relações de poder, e, ao mesmo tempo, desarticulando bipolaridades simplistas, como Ocidente/Oriente ou dominação/subordinação, apontadas por Bhabha (1998) e por Hall (2003). Ou seja, tal noção de espaço da diáspora pode colaborar para promover um olhar mais complexo sobre a relação “nativo”/estrangeiro sem, no entanto, relativizar a diferença e o poder que a perpassa e a reveste.

Em nosso caso específico, os italianos de Camon e de Lodoli, apesar da indiscutível vantagem da hegemonia, revelam-se frágeis e envelhecidos, sob a teia de idéias racialistas ou da atração do exótico, no confronto com estrangeiros jovens, vigorosos e vitais. Enquanto uma pesada dúvida se apodera do coração dos nativos, instaura-se um jogo ambivalente, captado com sensibilidade por Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos*:

[...] será que estou realmente em casa? Será que sou eu ou serão eles senhores do “futuro”? [...] não será preciso permanecermos unidos para, juntos, expulsarmos o intruso ou, pelo menos, colocá-lo no “seu” lugar? O “senhor” transforma-se então em escravo, perseguindo o seu conquistador. (KRISTEVA, 1994. p.27)

Assim, o nativo italiano não é visto apenas como o dono do território, aquele que exclui, marginaliza e explora o imigrante subalterno. Ele é também aquele que se sente invadido, ameaçado em sua pretensa inteireza identitária e nacional, perturbado por um desvio clandestino imposto à sua rota de filho legítimo de ancestrais fundadores do lugar. Ele sente-se velho diante da presença cheia de expectativas do recém-chegado, bem como inseguro em relação ao que está por vir.

Não é inútil notar que a suspeita quanto a quem serão os senhores do futuro, citada por Kristeva, pode ser justificada por dados demográficos recentes. A revista *The Economist*, de 23 de dezembro de 2000, num artigo sobre o encolhimento das famílias européias, já trazia o comentário da demógrafa Rossella Palomba informando que um quarto de todas as mulheres nascidas na Itália em 1963 tinha tido apenas um filho. O *Rapporto sulla popolazione italiana – L'Italia all'inizio del XXI secolo*, publicado em 2007, salientou o papel da imigração entre 2002 e 2005, período da coleta dos dados. Nesse intervalo, o número médio de filhos por estrangeira (2,61) foi o dobro do número por cidadã italiana (1,26), cerca de 8% do total de nascimentos. Segundo a pesquisa, tal percentual apresenta-se em crescimento, assim como a população não-italiana: em 1991, correspondia a 0,6%; em 2001, passou para 2,3% e, hoje, é quantificada entre 4,5% e 6%, dependendo da inclusão da estimativa dos ilegais. Para o *Rapporto*, os mesmos estrangeiros contribuíram também para conter o envelhecimento populacional: sem eles – cuja média etária é de 31 anos, bem mais baixa que a dos cidadãos italianos, que é de 43 –, a população com mais de 65 anos teria superado os 20%.

Como já aprendemos com os teóricos da geografia crítica, o espaço não é uma entidade que precede o discurso, mas é algo que se constitui ao ser experimentado física e psicologicamente por seus habitantes. Ao contrário do colonialismo, que, conforme alguns estudiosos (Tiffin & Lawson, 1994; Ryan, 1994), despovoou conceitualmente os territórios descobertos, ignorando a presença das populações pré-existentes ou classificando-as como subumanas, a diáspora da contemporaneidade não encontra um vazio a ser preenchido, nem consegue transformar em vazio o espaço encontrado. Devido aos diversos cenários e às formas em que o poder se manifesta, torna-se árdua essa inscrição estrangeira, que se dá traduzindo sentidos já sedimentados na sociedade receptora e costurando sentidos inéditos àqueles hegemônicos. Se, para o velho colonizador, a pretensa ausência de história prévia dos colonizados remetia à idéia de um papel em branco, para o migrante contemporâneo, um texto inédito, incerto e em gestação, é entrelaçado a um texto prévio, que transborda poderoso e opressor pelas margens. Ao sujeito diaspórico cabe todo um esforço de simbolização, de fazer significar o que, em princípio, nada significa, para reclamar direitos e construir o futuro no território já moldado e cartografado pelo outro.

Assim, pode-se dizer que, num primeiro momento, o espaço da diáspora apresenta-se para quem migra como um não-lugar, isto é, como um espaço produzido pela supermodernidade que, nas palavras de Augé (2005, p.73), “não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. Gabèn, por exemplo, o imigrante de *I fannulloni* passa os dias vendendo bugigangas, na Stazione Termini, em Roma – lugar de passagem e não-lugar por excelência. A filipina Lilibeth, uma das cuidadoras de idosos de *La Terra è di tutti* acolhe, às escondidas, o marido e o irmão, clandestinos sempre em fuga, durante suas horas de trabalho na casa do *nonno*, o sogro caduco do protagonista italiano do romance.

Embora a vulnerabilidade e a alienação experimentadas pelos estrangeiros se ajustem ao quadro do capitalismo transnacional e embora o sentimento de não-pertencimento tenha funcionalidade num macro cenário, a inscrição desses homens e mulheres sem lugar acaba se concretizando. Nas brechas das culturas, em circunstâncias especiais, em situações provisórias ou em espaços conquistados após anos de embate, ainda que o sujeito em trânsito ocupe um habitat móvel, tal mobilidade

não neutraliza sua ação e reação no novo mundo. Ou melhor, nesse caso particular, velho mundo, *Vecchia Italia* que se transmuta em novo mundo e interage com o vigor dos recém-chegados.

Em *I fannulloni*, exatamente na Stazione Termini, assistimos ao encontro de Gabèn com o septuagenário italiano Lorenzo. Durante um dos habituais passeios solitários, tentando fugir ao tédio que os muitos anos lhe trazem, Lorenzo tem seu olhar vagabundo atraído pelos produtos do camelô – um imigrante de lugar nenhum, de idade desconhecida e de histórias absurdas. Conta o velho:

Me abaixei (ai, que dor nas costas...) e peguei os óculos quadrados, de asinhas na ponta da armação alta e lentes amarelas. Quando os coloquei toda a estação me pareceu inundada por um sol de verão, com as pessoas prontas para saírem de férias, apesar dos casacos e cachecóis. – Quanto custa? – perguntei sem tirar do meu nariz. Ele começou a rir: talvez eu tivesse ficado engraçado com a minha cara de bom aposentado macilento, gravata listada, chapéu para não pegar friagem e aqueles óculos malucos e despreocupados. Mas era assim que eu queria ser por um momento: engraçado, contra toda dignidade. Me passou um braço forte pelos ombros e me lascar um beijo na testa: – Ficou ótimo. É um presente, amigo.

– Posso te oferecer um café? – ousei.

– É melhor um *cappuccino*. Com pó de chocolate em cima. (Lodoli, 1990. p. 230, 231)

É no momento desse encontro que, para nós, leitores, Gabèn salta do espaço liminal do não-lugar de Augé e mergulha no espaço da diáspora de Brah, dando início a uma reviravolta no dia-a-dia do aposentado e a uma breve temporada recheada de aventuras, com direito a luta de boxe, passeios de carro de luxo “emprestado” e distribuição de notas de dinheiro despudoradamente falsas.

Em *La Terra è di tutti*, tal inscrição estrangeira também se dá sob a égide do marco geracional. O título da obra inspira-se numa instituição que traz “as mulheres mais doces do planeta” (CAMON, 1996. p.63) para assistir idosos doentes da Itália, ansiosos por “perderem o uso de uma perna, ou das duas, para se aninharem numa cama e, por um ano ou quinze meses, desfrutarem de todo o amor que sempre sonharam e que nunca tiveram, porque se encontrava todo no Terceiro Mundo” (CAMON, 1996. p.65). Nas palavras do protagonista, Giovanni Della Valle,

Quando chega a Assistente da Boa Morte que você reservou e toca o interfone, você pergunta: ‘Quem é?’, da rua ela responde: ‘A Terra é de todos’, e com essa palavra de ordem o Terceiro Mundo entra na tua vida. A partir desse momento, nada será como antes. (CAMON, 1996. p.65)

De Beauvoir (1976, p. 8) adverte que “[n]ão há nada que devesse ser tão esperado” e que, entretanto, “nada é tão imprevisto quanto a velhice”. Tal imprevisibilidade talvez possa associar-se a uma idéia enfatizada por estudos recentes sobre o tema: o envelhecimento é uma experiência humana coletiva e, ao mesmo tempo, vivenciada subjetivamente pelo indivíduo, que não se restringe à cronologia ou à biologia (Hepworth, 2000; Deats & Lenker, 1999). “É sempre o outro que aponta o nosso envelhecimento” (Goldfarb, 1997. p. 36), velho é sempre aquele com o qual não nos identificamos. Apesar do jogo de espelhos e do caráter escorregadio e indefinido do termo, porém, poderíamos afirmar que a velhice é marcada por uma relação especial com a memória ou a falta dela. Sendo o velho um sujeito sem sonhos e sem projetos, amarrado a uma impossibilidade, falsa ou real, de investir no futuro, ele se lança ao exercício constante da rememoração. Ensina Bobbio:

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos.[...] A velhice, dizia aquele doente, dura pouco. Mas justamente porque ela dura pouco é que devemos empregar o tempo menos para fazer projetos para um futuro distante ao qual já não

pertencemos, e mais para tentar entender, se pudermos, o sentido ou a falta de sentido de nossa vida. Concentremo-nos. Não desperdicemos o pouco tempo que nos resta. Percorramos de novo nosso caminho. As recordações virão em nosso auxílio. (BOBBIO, 1997, p.30)

Enquanto para Bobbio a rememoração configura-se quase como um caminho de salvação, para os velhos italianos das duas narrativas, reveste-se de cores mais sombrias. É sabido – e se traduz nos textos – que o velho perdeu sua função de salvaguarda dos saberes da sociedade, função amplamente exercida nas sociedades tradicionais. Seu discurso de reminiscências, ancorado em tempos passados e repleto de pessoas mortas, não é mais ouvido, perdeu seu significado social.

No caso de Lorenzo, a memória pode ser equacionada à solidão. Viúvo aposentado, gasta seus dias caminhando pela cidade e recordando-se da esposa Caterina, uma doce gigante apreciadora de basquete. Em *La Terra è di tutti*, Camon sugere uma incapacidade italiana em manter firmes os laços com o próprio passado e em renovar valores e crenças herdados que alimentem o discurso da nação. O sogro de Giovanni corporifica essa perda completa de referenciais: o ex-coronel da Segunda Guerra lembra-se unicamente da tomada de uma aldeia no norte da África e estende a capa do esquecimento sobre qualquer outro fato acontecido há mais de cinco minutos do presente.

Cabe notar que os dois personagens são, de certa forma, protegidos do exercício incessante e exclusivo da rememoração solitária – sem dúvida vinculada ao descaso institucional dos mais jovens – por outros sujeitos também desinvestidos pelo ambiente circunstante: os estrangeiros. Lorenzo, após o encontro decisivo na Stazione Termini, conta: “Agora, pela manhã, dou umas voltas com Gabèn, e eu gosto porque ele é especial, é diferente, como era Caterina. Logo o mundo se torna uma aventura” (LODOLI, 1990. p. 231). O sogro de Giovanni, por sua vez, vive apenas na companhia de duas clandestinas que se revezam para assisti-lo. Recebe massagens e lições de budismo e ouve histórias africanas com absoluto deleite.

Considerando que Kaminsky (1999) refere-se ao exílio como um ato corporal, como uma experiência vivida com o corpo e nele inscrita, gostaria de salientar as consequências da migração e do trânsito não para quem migra, mas para o corpo do outro, do sujeito imóvel, ou seja, para aquele com o qual o espaço da diáspora é compartilhado. Lodoli e Camon nos oferecem várias pistas desse tipo de inscrição.

Lorenzo, na fase pós-Gabèn, abandona o estilo elegante de senhor distinto, assegurado até por seu nome de família: Marchese, Lorenzo Marchese. Além de presenciarmos a cena dos óculos de lentes amarelas, que inundaram a estação de luz e lhe permitiram um olhar inédito sobre o mundo, acompanhamos o aposentado dançando de camisa vermelha e gravata de bolinhas numa noite ligeiramente etílica ou, cabelos brancos ao vento, num Mercedes conversível em direção à *Via Veneto*. Em outra ocasião, durante um passeio de pedalinho, depois de superarem a água rasa, vimos Gabèn, que se joga no mar e convida:

– Pula você também, Lorenzo,
– Como é que eu faço? Sou velho... estou todo vestido.
– Tira a roupa e mergulha, não está frio. [...]
Então, vai, pensei. Tirei os sapatos, o relógio, a jaqueta, as calças e tudo, e, de cueca, com o nariz tampado, voei também eu para a água. (LODOLI, 1990. p. 252)

Aqui, não é difícil perceber que Lorenzo não se despe apenas das roupas para o mergulho, mas de todo um conjunto de valores, de hábitos e de visões de mundo, que talvez estejam contidos no breve “e tudo” ao qual faz referência.

Em *La Terra è di tutti*, um episódio em especial também é exemplar para a idéia que tento desenvolver. Giovanni, o narrador sempre cáustico e perplexo diante do contato com os

estrangeiros, visita o sogro doente e encontra Tifù, a cuidadora de Camarões, que prepara o velho para uma massagem:

A Tifù trocou o pijama do vovô, levantou-lhe os pés e os colocou sobre os seus ombros. O vovô cruza as mãos no peito e a deixa trabalhar: a nova posição lhe faz bem. [...] Tifù percorre com as mãos suas pernas, massageia suas canelas e seus joelhos, gira suas rótulas. Não lhe pergunto nada, mas ela me explica:

– Sangue de velho pára, tem que empurrar.

E o vovô me fixa com ar de reprovação, como se quisesse me acusar de não lhe empurrar o sangue. Não sei o que responder, aqui não se usa, o médico não prescreve. Aqui os velhos morrem de imobilidade, é a norma. Em Camarões, não sei.

– E pernas de quê?, pergunta a negra. Como “de quê?”, não entendo. Mas o vovô entende e responde de pronto:

– Pernas de antílope.[...]

– E peito de quê?, diz a pretinha, indicando-lhe o peito. O vovô se acaricia com a mão. Tem um tórax minúsculo, pré-adolescente, não desenvolvido, porque com a velhice regrediu. Mas responde:

– Peito de leão.

Salvioli (2007), num editorial do *Giornale di Gerontologia*, relata a existência de cerca de 700 mil cuidadoras legais de idosos na Itália hoje e um número desconhecido, mas significativo, de clandestinas. A prática de contratar estrangeiros, ainda que seja difícil quantificá-la, tem se tornado corriqueira entre as famílias, o que nos permite afirmar que os encontros entre a velhice e a juventude, desenrolados nas brechas do espaço da diáspora e vividos como experiências corporais com fortes ecos subjetivos, vêm se intensificando nos últimos anos.

Segundo Bourdieu, o corpo tem uma função crucial de suporte de regras sociais e atua como um espaço de inscrição da estrutura social nos indivíduos, amarrando-os definitivamente como grupo, como sociedade. Através da noção de *habitus*, definido como “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital”, uma “disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 1989. p. 61), o sociólogo tenta driblar tanto o estruturalismo quanto a opção entre consciência do sujeito e inconsciente, e, ao teorizar sobre a história, refere-se à história reificada, acumulada nos objetos, livros, monumentos e edifícios, mas também à história incorporada, aquela que se tornou *habitus*, ativada ou atualizada através do corpo. Traphagan (2000), numa pesquisa antropológica sobre o envelhecimento no Japão, remete às mesmas noções de *habitus* e de incorporação e, inspirando-se nelas, propõe a idéia de desincorporação. Para ele, juntamente com todas as perdas ocorridas com a velhice, o corpo perde o controle sobre esse conjunto de valores sociais inscritos, desnuda-se deles. No âmbito deste trabalho, pelo que nos indicam as duas narrativas, seria possível acrescentar que o corpo não só se despe do *habitus* e esquece a história incorporada, mas pode se abrir para o diferente – no caso, o sujeito diaspórico – e para outras experiências identitárias. Se o velho coronel do regime fascista repete fábulas camaronesas e máximas budistas, Lorenzo conclui surpreso: “nos últimos três meses fui empresário artístico, treinador de boxe, vagabundo, um monte de coisas, igual a Leonardo da Vinci. Quanta gente nós temos dentro!” (LODOLI, 1990. p.278)

Já a título de conclusão, gostaria de explicitar que um interesse de fundo para o desenvolvimento deste estudo reside no fato de que vislumbro um novo momento fundamental para a nação italiana: o momento da Itália como espaço da diáspora e como *Vecchia Italia*. A presença do estrangeiro na Itália hoje introduz novos jogos identitários, especulares àqueles em que os peninsulares, poucos anos após a unificação da nação, se constituíram como estrangeiros em outras terras e, ao mesmo tempo, nessa condição, diante de brasileiros ou argentinos, aprenderam a ser italianos, experimentando um outro tipo de pertencimento que ultrapassava a fronteira, já conhecida, de seus vilarejos e regiões. Pode-se afirmar que na contemporaneidade, novamente frente à presença do

outro, mas agora dentro do próprio território, esse pertencimento, seu significado e todas as suas implicações vêm sendo desestabilizados e repensados.

Segundo Galli della Loggia (1998, p.31), “[n]ada marcou tão profunda e definitivamente a identidade italiana como a presença concomitante na península de Roma e da sua herança, por um lado, e da sede da igreja católica do outro”. As duas narrativas escolhidas sugerem, entretanto, que, nas últimas décadas, novas presenças vêm marcando a face da *Vecchia Italia*, talvez orgulhosa desse legado já reconhecido, mas ainda perplexa diante do futuro que vem se desenhando. E as palavras de Tifù, a camaronesa de mãos milagrosas, são certamente ouvidas como ameaça por muitos compatriotas do *Cavalier Berlusconi*: “Quando conto histórias aos vovôs, os meninos também vêm ouvir.” (CAMON, 1996. p.73).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ASSMANN, A. Ricordare - Forme e mutamenti della memoria culturale. Bologna: il Mulino, 2002.
- [2] AUGÉ, M. Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2005.
- [3] BHABHA, H. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- [4] BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In BOURDIEU, P. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- [5] _____. Le mort saisit le vif – As relações entre a história reificada e a história incorporada. In BOURDIEU, P. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- [6] BRAH, A. Cartographies of Diaspora – Contesting Identities. London and New York: Routledge, 1996.
- [7] BOBBIO, N. O tempo da memória – De senectute e outros escritos autobiográficos. Trad. Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- [8] CAMON, F. La Terra è di tutti. Garzanti Ed., 1996.
- [9] CURY, M.Z.F. Navio de imigrantes, identidades negociadas. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.
- [10] DEATS, S.M & LENKER, L.T. Introduction. In DEATS, S.M & LENKER, L.T. Aging and Identity – A humanity perspective. Westport, CT: Praeger, 1999.
- [11] DE BEAUVOIR, S. A velhice – A realidade incômoda. Trad. Heloísa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1976.
- [12] GALLI DELLA LOGGIA, E. L’identità italiana. Bologna: il Mulino, 1998.
- [13] GOLDFARB, D.C. Corpo, tempo e envelhecimento. Dissertação de mestrado. São Paulo: Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP, 1997.
- [14] GRUPPO DI COORDINAMENTO PER LA DEMOGRAFIA. Rapporto sulla popolazione. L’Italia all’inizio del XXI secolo. Il Mulino, 2007.
- [15] HALL, S. Da diáspora - Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine LaGuardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- [16] HEPWORTH, M. Stories of ageing. Buckingham: Open University Press, 2000.

- [17] KAMINSKY, A. *After exile – Writing the Latin American Diaspora*. Minneapolis-London: University of Minnesota Press, 1999.
- [18] KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- [19] LODOLI, M. *I fannulloni*. Torino: Giulio Einaudi Ed., 1994.
- [20] RYAN, S. *Inscribing the emptiness. Cartography, exploration and the construction of Australia*. In TIFFIN, C. & LAWSON, A. *De-scribing empire – Post-colonialism and textuality*. London –New York: Routledge, 1994.
- [21] SALVIOLI, G. Editoriale - Gli anziani e le badanti. *Giornale di Gerontologia*, v.55, n.2, p.59-61, aprile 2007. Disponível na Internet. http://www.sigg.it/giornale_dettaglio.asp?id=21 em 07 jun. 2008.
- [22] THE ECONOMIST. *The empty nursery*, p. 95, 23.12.2000.
- [23] TIFFIN, C. & LAWSON, A. *Introduction. The textuality of empire*. In TIFFIN, C. & LAWSON, A. *De-scribing empire – Post-colonialism and textuality*. London –New York: Routledge, 1994.
- [24] TRAPHAGAN, J.W. *Taming oblivion: aging bodies and the fear of senility in Japan*. New York: SUNY Press, 2000.

¹**Ana Maria CHIARINI, Profa. Dra.**
Universidade Federal de Minas Gerais